

ACERVOS DA DRAMATURGIA BAIANA E CRÍTICA FILOLÓGICA

Rosa Borges (UFBA)

rosaborges@ufba.br

Débora de Souza (UFBA)

deboras_23@yahoo.com.br

RESUMO

Desde 2006, buscamos reunir textos do teatro, produzidos ou encenados na Bahia, no período da ditadura militar, submetidos ao processo censório. Ao longo desse tempo, temos nos ocupado da organização dos acervos com os diversos materiais reunidos, da edição e crítica filológica dos textos de peças teatrais que foram censuradas, com foco especial na produção teatral baiana em um contexto histórico marcado pela repressão e pelo controle sobre a cultura. Partindo de uma metodologia que articula com a Filologia outros saberes, organizamos os acervos da dramaturgia baiana, analisando o processo de criação, os caminhos da censura e como a censura interferiu nos textos, o contexto histórico de produção, recepção e circulação de tais textos, entre outras questões, além de disponibilizar esses textos para o público atual, a partir das edições realizadas, contribuindo com a história do teatro baiano, com o estudo de fatos históricos, sociais e culturais da época, e, sobretudo, com a atualização da prática filológica quanto às teorias e metodologias editoriais, no exercício da crítica filológica que considera a materialidade dos textos como objeto de construção de conhecimento.

Palavras-chave:

Acervos. Edição. Crítica Filológica.

ABSTRACT

Since 2006, we have sought to collect theater texts produced or performed in Bahia during the military dictatorship that were submitted to the censorship process. Throughout this time, we have been organizing the collections with the various materials gathered, editing, and philologically criticizing the texts of censored plays, with a special focus on Bahian theater production in a historical context marked by repression and control over culture. Based on a methodology that combines Philology with other fields of knowledge, we have organized the collections of Bahian dramaturgy, analyzing the creative process, the paths of censorship, reception, and circulation of such texts, among other issues. We also make these texts available to the current public, based on the editions produced. This contributes to the history of Bahian theater, with the study of historical, social, and cultural facts of the time, and, above all, with the updating of philological practice regarding editorial theories and methodologies, in the exercise of philological criticism that considers the materiality of texts as an object of knowledge construction.

Keywords:

Collections. Edition. Philological Criticism.

1. Introdução

Desde 2006, desenvolvemos uma pesquisa que tem por objeto de investigação, em perspectiva filológica, textos teatrais baianos ou encenados na Bahia, submetidos à Censura no período da ditadura militar brasileira. Este trabalho se inscreve na interseção entre a Filologia e outras áreas do saber, como a História, os Estudos Culturais, os Estudos Teatrais, entre outros, visando não apenas a organização de acervos que dão conta de um momento particular da nossa história, mas também a compreensão do impacto da censura e da ação de outros agentes sociais e culturais sobre a produção dramatúrgica no estado da Bahia.

Por meio da crítica filológica, estudamos a materialidade dos textos teatrais censurados, os processos de criação artística, os mecanismos de controle cultural e a circulação e recepção dessas obras em seu contexto histórico. O trabalho que realizamos contribui, para além dos estudos na área da Filologia, para a reflexão sobre a censura e seu impacto na produção artística, ressaltando aspectos pouco conhecidos da resistência artística em tempos de repressão e silenciamento, e sobre o processo de transmissão textual, identificando gestos e ações dos agentes que nos textos deixaram seus registros.

Desse modo, a pesquisa filológica com e sobre os textos de teatro produzidos no período da ditadura civil militar na Bahia e, consequentemente, no Brasil, é importante para a compreensão da história do teatro, a atualização da memória cultural e, ainda, o avanço da crítica filológica no Brasil que, diante de situações textuais tão diversas e complexas, renova-se quanto às teorias e metodologias editoriais (Borges et al., 2021; Borges, 2023).

Neste trabalho, daremos destaque aos caminhos dessa pesquisa, articulando os fundamentos da Filologia com outras áreas do saber para analisar a materialidade dos textos censurados, suas trajetórias históricas e os modos como a censura atuou como força de interferência textual. Ao editar e disponibilizar tais textos ao público de hoje, por meio de pesquisa, evidenciamos uma parte pouco conhecida da dramaturgia baiana e propomos novas formas de leitura e compreensão das relações entre arte, poder e resistência e também uma melhor delimitação daquilo a que chamamos de Crítica Filológica.

2. *Acervos da dramaturgia baiana censurada*

O estudo filológico de documentos reunidos nos vários acervos que integram o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) permite-nos refletir acerca de um Brasil que, entre os anos de 1964 e 1985, por meio da censura, buscou controlar a produção artística e intelectual do país. O ATTC configura-se como uma “coleção”, “[c]onjunto de documentos com características comuns, [provenientes de diferentes arquivos públicos e privados], reunidos intencionalmente” (Arquivo..., 2005, p. 52) para fins de pesquisa científica, preservação da história e atualização da memória. Por meio de tais atividades atuamos, por conseguinte, nos eixos da pesquisa, da preservação e da comunicação.

Na Bahia, a cena teatral também foi atingida por esse aparato repressivo, e diversos textos dramatúrgicos foram censurados, proibidos e modificados. A ditadura militar instaurada no Brasil em 1964 impôs um rígido controle sobre os meios de comunicação e de produção cultural. A censura prévia se tornou um mecanismo oficial de repressão ideológica, afetando especialmente o cinema, a literatura e o teatro. Este último, por seu caráter performático e sua capacidade de articulação com o público em tempo real, foi alvo preferencial da vigilância estatal. Peças com críticas à ordem vigente, referências à luta armada, denúncia de desigualdades sociais ou mesmo linguagem considerada inadequada, eram vetadas, modificadas ou impedidas de circular.

A análise dessas produções exige para além de uma abordagem histórica, uma abordagem filológica, pois os textos sobreviventes guardam vestígios materiais da ação censória e de tantos outros agentes – rasuras, cortes, comentários, versões paralelas – que constituem camadas de sentido e documentação do processo de transmissão textual. A partir desses documentos, é possível mapear uma história do teatro baiano que não apenas narra eventos, mas revela processos criativos, resistências e negociações simbólicas (Cf. Borges, 2022a).

O trabalho de organização e estudo dos textos teatrais produzidos ou encenados na Bahia, submetidos à Censura Federal no período da ditadura militar, coloca em evidência acervos bastante ricos, porém fragmentados, formados por datiloscritos, em sua maioria, alguns manuscritos, pareceres censórios, correspondências, programas de espetáculo, entre outros materiais. Esse conjunto de documentos não apenas testemunha a produção dramatúrgica do período, como também apresenta, em sua materialidade, marcas dos mecanismos de vigilância e controle impostos pelo Estado.

No interior desse arquivo que reúne acervos que dão conta da produção de mais 60 dramaturgo(a)s, destacamos autores¹ que foram fundamentais para compreender a riqueza e a complexidade do teatro baiano durante a ditadura militar, como João Augusto, Ildásio Tavares, Antônio Cerqueira, Ariovaldo Matos, Francisco Ribeiro Neto, Acyr Castro, Jurema Penna, Nivalda Costa, Cleise Mendes, Deolindo Checcucci, Bemvindo Sequeira, Fernando Mello, Roberto Athayde, cujas obras enfrentaram direta ou indiretamente o crivo da censura. Em alguns casos, as intervenções nos textos foram significativas, levando à supressão de cenas inteiras ou de determinados trechos, à proibição de apresentações ou à reformulação de diálogos.

Entre os autores destacados, situaremos brevemente a forma como fizeram teatro naquele período:

- **João Augusto (resistência e teatralidade popular)**, figura central do teatro baiano, desenvolveu um trabalho profundamente comprometido com questões sociais e políticas de seu tempo (Cf. Jesus, 2008; 2014; Santos, 2020; Borges, 2023);

- **Ildásio Tavares (entre poesia, prosa e política)**, censurado por sua escrita filosófica e crítica ao poder. Borges (2022b) aponta a presença de interferências censórias que afetaram não apenas o conteúdo verbal dos textos, mas também sua estrutura dramatúrgica, alterando o ritmo, a ambiência e a intencionalidade estética;

- **Antônio Cerqueira**, seus textos são marcados pelo uso de linguagem proibida e censurada, muitas vezes disfarçada por gírias, expressões populares e metáforas, linguagem que, à primeira vista, parece simples, mas que carrega mensagens subversivas e críticas ao regime, usando estratégias de codificação para evitar a censura direta (Cf. Corôa, 2012);

- **Ariovaldo Matos** utilizou a dramaturgia como uma forma de resistência, empregando estratégias que permitissem múltiplas interpretações, utilizando elementos de alegoria e simbolismo para reforçar a crítica social (Cf. Mota, 2012; 2017);

- **Francisco Ribeiro e Acyr Castro (entre o regional e o universal)**, com textos que retratam o Brasil profundo, suas desigualdades e contradições sociais (Cf. Mattos, 2023; Ribeiro, 2024);

¹ Destacamos autores trabalhados por Rosa Borges ou por seus orientandos no âmbito do Instituto de Letras da UFBA. Os trabalhos aqui mencionados podem ser conferidos nos sites do repositório institucional da UFBA e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da UFBA.

▪ **Bemvindo Sequeira**, suas peças revelam estratégias de codificação e referências às questões políticas da época, muitas vezes por meio de sátira, humor e simbolismo (Cf. Correia, 2014);

▪ **Fernando Mello e Roberto Athayde**, cujas estruturas dramáticas experimentais tornaram-se alvo do regime (Cf. Sacramento de Souza, 2014; Prudente, 2013; 2018);

▪ **Jurema Penna**, sua dramaturgia se caracteriza por trazer aos palcos memórias e histórias da Bahia, a partir da perspectiva do homem e da mulher comum (Cf. Almeida, 2011; 2014);

▪ **Nivalda Costa**, que enfrentou a censura, valendo-se do teatro, sua arma mais poderosa, para denunciar a repressão, censura e violência vivenciadas naquele contexto sócio-histórico, político e cultural, em consonância com o Teatro Experimental do Negro (Cf. Souza, 2012; 2019);

▪ **Deolindo Checcucci**, atuante na construção e consolidação do teatro infantil na Bahia, com obras que problematizavam a autoridade e os discursos dominantes (Cf. Fagundes, 2019);

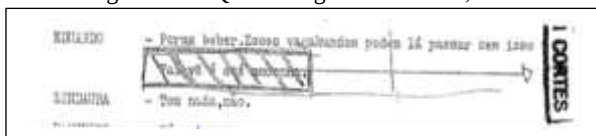
▪ **Cleise Mendes**, cuja produção crítica e dramática reconfigura o papel do teatro como resistência e memória (Cf. Dantas, 2011, 2014).

O estudo dos textos teatrais desses autores, a partir das marcas na materialidade, confirma a censura como uma das forças estruturante do texto — interferindo em sua forma, conteúdo e circulação — e reforça a importância da crítica filológica como ferramenta de reconstrução e visibilização dessas trajetórias e produções artísticas.

Na análise material desses documentos mostramos como a censura se inscrevia nos textos de maneira física e simbólica: trechos hachurados identificados pela palavra “CORTE” ou “COM CORTES”, comentários marginais de censores, indicações de trechos “impróprios” e carimbos de “proibido”.

Esses elementos são fundamentais para a crítica filológica contemporânea, pois cada marca diz respeito a uma temporalidade (Cf. Albuquerque Júnior, 2019), da produção, transmissão, recepção, conservação etc., à sua condição de documento e testemunho (Cf. Borges, 2019) que contém a história e tem uma história (Cf. Albuquerque Júnior, 2019). As Figuras 01, 02 e 03 ilustram o que aqui dissemos:

Figura 1: JA.QBA72fragT2.DCDP-AN, f. 51.



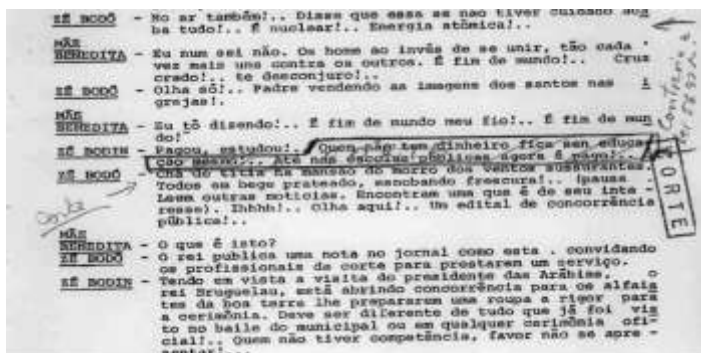
Fonte: Arquivo Textos Teatrais Censurados (Quincas Berro d'Água).

Figura 2: IT.C [75]T3.EXB, f. 22.



Fonte: Arquivo Textos Teatrais Censurados (Caramuru...).

Figura 3: DC.ARN.R.1977T1, DCDP-AN, f.4.



Fonte: Arquivo Textos Teatrais Censurados (A Roupas Nova do Rei).

3. A Crítica Filológica aplicada aos textos de teatro

Segundo Gumbrecht (2021[2003]), a prática filológica deve ser entendida como uma atividade de presença, que implica uma leitura atenta às múltiplas vozes e às dinâmicas de poder que envolvem a transmissão do texto. Essa abordagem reconhece que o ato de editar ou analisar um texto não é neutro, mas carregado de implicações epistemológicas e culturais, demandando uma postura ética e reflexiva por parte do filólogo. Assim, a crítica filológica não se limita a identificar variantes textuais ou

propor textos críticos, mas envolve uma compreensão profunda do contexto de produção, circulação e recepção do texto, promovendo uma leitura que seja sensível às experiências culturais e aos descentramentos epistemológicos (Cf. Borges, 2020^a; 2020b; 2021a).

Assim, a abordagem teórico-metodológica por nós adotada parte de uma concepção ampliada de Filologia que se abre à interseção com outras áreas do conhecimento, para interpretar gestos e ações expressos nos textos estudados. A Filologia contemporânea assume o texto como uma construção material e social, atenta à sua instância produtiva, à sua recepção histórica e à sua circulação cultural (Cf. Borges, 2021). Nesse sentido, podemos afirmar que a crítica filológica aplicada à dramaturgia censurada se concentra em três eixos principais:

- **Estudo da materialidade textual**, que envolve o exame direto dos documentos: originais manuscritos e datilografados, cópias datilografadas, versões com marcas de censura, pareceres oficiais, etc. A Filologia, aqui, se aproxima da Arquivística para compreender o funcionamento dos acervos e a historicidade de sua constituição (Cf. Borges, 2019);

- **Críticas genética e sociológica**, que buscam analisar o processo de criação das obras, analisando diferentes versões de um mesmo texto, indicações de reescrita, acréscimos e cortes impostos por censores e os gestos que resultam das ações de outros sujeitos na materialidade textual. Segundo Borges (2023), essa perspectiva revela os conflitos entre instâncias autoral, censória e outras;

- **Prática editorial (edição de textos e crítica filológica)**, entendida não como restauração de um suposto “texto ideal”, mas como proposta editorial fundamentada, com base numa leitura crítico-filológica, que explicita suas escolhas e oferece ao leitor contemporâneo um acesso reflexivo e contextualizado aos textos. A edição de textos teatrais requer metodologias específicas que considerem o caráter performativo do texto, sua inserção histórica e as interferências apresentadas ao longo de sua trajetória (Cf. Borges, 2021).

Essa proposta metodológica ganha concretude no trabalho realizado por Borges (2023a) com o texto da peça teatral *Quincas Berro d'Água*, uma adaptação da obra de Jorge Amado por João Augusto. Nesse livro, discutem-se os desafios da edição crítica de textos teatrais, em que a fidelidade à materialidade do texto se articula à necessidade de interpretá-lo no horizonte de sua gênese e de seu tempo.

Além disso, a perspectiva filológica editorial adotada busca valorizar não apenas o texto final, mas também os vários textos (diferentes versões) que se inscrevem na materialidade textual, comentários marginais, rasuras e intervenções de variados sujeitos (autor, atores, intérpretes, compositores, censores). Esses elementos são constitutivos do texto e expressam seu percurso de significação, razão pela qual não devem ser apagados em nome de uma suposta homogeneidade textual (Borges, 2021; 2023a).

Pelo viés da crítica filológica, buscamos ler os mecanismos textuais e simbólicos da censura – cortes, reformulações, silenciamentos. A censura, ao incidir sobre os textos teatrais, não operava apenas como instância repressiva de conteúdo: ela também funcionava como produtora de sentidos e agente de modificação textual. Seus mecanismos não se limitavam à proibição total de obras, mas também incluíam cortes parciais, modificações pontuais, propostas de “ajustes” ideológicos, reconfiguração de personagens e, sobretudo, silenciamento de temas considerados sensíveis, como política, sexualidade, religião e crítica social.

A ação censória não pode ser compreendida de forma abstrata. Ela se inscreve diretamente na materialidade dos documentos: manuscritos riscados, versões datilografadas com indicações marginais, carimbos de proibição, trazendo a inscrição “corte”, “com cortes”, rasuras, recomendações de reformulação e, em muitos casos, documentos paralelos com “versões aprovadas” (Cf. Borges, 2021). São essas e outras intervenções nos testemunhos que transmitem a produção dramatúrgica censurada que nos permitiram atualizar a prática da crítica filológica, dessa vez, buscando a restituição não de um “original perdido”, nem de um “texto ideal”, mas da complexidade do processo de textualização interrompido ou desviado pela censura ou ainda marcado pelas intervenções de diversos agentes sociais e culturais e do próprio autor ou de autores quando se tratava de uma produção coletiva ou colaborativa.

3.1. Modos de interferência nos textos: Cortes, substituições e silêncios

A análise de peças desses autores revela práticas recorrentes da censura. Em diversas obras, cenas inteiras foram suprimidas por conterem termos considerados “chulos”, insinuações políticas, referências a militantes, ou personagens cuja construção desafiava padrões morais vigentes. Em outras, a censura recomendava alterações que desconfiguravam o sentido do texto, como retirar falas que sugeriam resistência coletiva, por

exemplo. Tais alterações, mesmo que mínimas em extensão, tinham impacto decisivo no tom, no ritmo e na mensagem da peça teatral.

Nesse contexto de censura, muitos dramaturgos valiam-se de estratégias textuais e performáticas que pudessem contornar o veto, ainda que parcialmente. Muitos autores passaram a recorrer à metáfora, à alegoria, ao duplo sentido e ao uso de formas simbólicas para tratar de temas políticos. Em outros casos, o embate era direto: enviavam versões “limpas” para aprovação censória, enquanto montavam outra nos palcos, confiando na cumplicidade do público ou na fragmentação do controle em diferentes regiões do país.

Pelo viés da crítica filológica analisamos a censura como traço visível da história textual. Nessa perspectiva, o tratamento filológico dos textos censurados deve preservar os vestígios da censura como parte constitutiva da obra (Cf. Borges, 2022a). Isso implica adotar uma edição que não “limpe” o texto das suas marcas de violência histórica, mas que, ao contrário, as evidencie e as torne inteligíveis ao leitor contemporâneo. Ao assumir a censura como forma de manipulação textual, mobilizamos a edição crítica como gesto de memória e denúncia.

Essas intervenções não são meramente editoriais: são políticas. A restituição crítica de obras censuradas implica devolver a seus autores e ao público o direito à leitura plena, informada e consciente do que foi silenciado. Nesse sentido, a prática filológica configura-se como um modo de “escovar a história a contrapelo” (Cf. Benjamin, 2020), de articulação entre passado e presente, ao lidarmos com textos, projetos artísticos, contextos e subjetividades.

3.2. Edição crítica como prática filológica e política

Trazer os textos teatrais censurados à cena contemporânea envolve muito mais do que a simples publicação de obras anteriormente silenciadas. Trata-se de um processo complexo que articula crítica filológica, memória cultural e prática editorial em perspectiva pragmática, histórica, sociológica. A edição crítica de textos dramatúrgicos requer não apenas rigor técnico, mas sensibilidade ética e política diante da história dos documentos e das subjetividades inerentes às produções (Cf. Borges, 2021).

A partir dos acervos recuperados desde 2006, o trabalho de edição crítica desenvolvido pela equipe de pesquisadores tem se pautado por uma metodologia que reconhece a pluralidade de formas textuais e as múltiplas camadas de interferência que atravessam os documentos. Isso inclui ver-

sões manuscritas e datilografadas, textos com intervenções dos censores, correspondência autoral, registros de encenação, entre outros documentos.

No caso da dramaturgia baiana, a edição crítica assume um papel diferenciado — não no sentido de reconstruir um “texto original” idealizado, mas de devolver ao leitor contemporâneo um conjunto de documentos que carregam em si a tensão entre criação e censura. A proposta editorial, como detalhado por Borges (2021; 2022a), se apoia em critérios como:

- **Registro das alterações textuais**, incluindo rasuras, marcas de censura, cortes e sugestões de alteração feitas por censores ou outros agentes do processo;

- **Acompanhamento paratextual**, com introduções, notas explicativas e aparatos críticos que contextualizam histórica e politicamente os textos;

- **Leitura crítico-filológica da materialidade textual**, reconhecendo que o texto teatral não existe isolado, mas como parte de um conjunto documental (programas, bilhetes censórios, manuscritos, cartas, roteiros de encenação, etc.);

- **Atualização da prática filológica**, que, em vez de apagar os rastros da repressão, no que tange aos textos censurados, por exemplo, os evidencia como forma de memória.

Enfim, editar e ler criticamente esses textos é “construir um espaço de resistência à invisibilização histórica”, onde o próprio gesto editorial assume função social (Cf. Borges, 2022a). Para tanto, valemo-nos, entre o impresso e o digital, da elaboração de projetos de edição que colocassem em circulação tais textos.

Os textos editados têm sido disponibilizados por meio de publicações impressas e digitais, em livros e trabalhos acadêmicos divulgados no repositório vinculado à Universidade Federal da Bahia. O formato digital amplia o acesso a esse acervo, permitindo que pesquisadores, artistas e o público em geral tenham contato com documentos que, por décadas, estiveram restritos a arquivos institucionais ou coleções privadas.

Além disso, o trabalho desenvolvido tem fomentado seminários e debates, reativando o diálogo entre o passado censurado e a cena contemporânea. Ao voltar a circular, os textos dessas peças não apenas reencontram seu público, mas também ganham novas camadas de sentido, refletindo sobre outras formas de silenciamento e resistência ainda presentes

na sociedade brasileira. Nosso trabalho apresenta importante contribuição para a memória e para a crítica teatral.

A edição e circulação desses textos também impactam diretamente a crítica teatral, ao permitir o acesso a uma produção que ficou, por muito tempo, ausente das histórias oficiais do teatro brasileiro. Dramaturgos como João Augusto, Ildásio Tavares, Jurema Penna, Nivalda Costa e tantos outros passam a ser (re)conhecidos como agentes de um teatro politicamente engajado, formalmente inventivo e socialmente relevante.

Como sublinha Cleise Mendes (2008), em sua atuação crítica e acadêmica, o teatro é um espaço privilegiado de memória e de reinvenção da linguagem. Assim, a restituição dos textos censurados reconfigura não só o repertório da dramaturgia baiana, mas também a própria noção de cânone e de resistência artística no Brasil.

No âmbito do Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) e da Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), partindo das teorias e metodologias da edição de textos que guiam nossa prática, a professora Rosa Borges orientou vários trabalhos acadêmicos, levando-se em conta as relações entre a crítica textual e a crítica genética/crítica de processo, inicialmente, e, depois, entre a crítica textual, crítica genética e sociologia dos textos, no campo das humanidades digitais (Cf. BORGES, 2020a). Ressalte-se que nossa prioridade é fazer representar, através da prática filológica editorial, sobretudo, a literatura e dramaturgia silenciadas, esquecidas, que estiveram à margem do cânone.

Foram editados até o momento 43 textos de 17 dramaturgos:

Quadro 1: Relação de dramaturgo(a)s e textos editados e estudados.

DRAMATURGO(A)S	TEXTOS EDITADOS E ESTUDADOS
Acyr Castro	<i>Cristo em todos os tempos: o maior espetáculo da terra apresenta</i> <i>Bahia de quatrocentos e oitenta e dois janeiros</i> <i>O Homem Deus</i> ²
Ademario Ribeiro	<i>Cenas na Ceia ou Ritual do cotidiano</i> ³
Amador Amadeu (Rogério)	<i>Pau e Osso S/A</i> ⁴

² Cf. *Produção dramática de Acyr Castro na Bahia: edição e estudo crítico-filológico*, por Luana Dall'Agnol Ribeiro, disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/41043>.

³ Texto publicado no livro *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*, organizado por Rosa Borges dos Santos (2012), disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>.

Menezes) – Grupo de teatro que atuou no período de 1975 a 1978	
Antônio Cerqueira (1961)	<i>Malandragem made in Bahia</i> ⁵
Ariovaldo Matos (1926–1988)	<i>A Escolha ou O Desembestado Irani ou As Interrogações</i> ⁶
Bemvindo Sequeira (1947)	<i>Me segura que eu vou dar um voto</i> ⁷
Cleise Mendes (1948)	<i>Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter</i> (edição genética (fragmentos)) ⁸
Deolindo Checcucci (1949–2025)	<i>A Bela e a Fera</i> <i>A Galinha dos ovos de ouro</i> <i>A Roupa nova do rei</i> <i>Julinho contra a bruxa no espaço</i> <i>Um dia, um sol</i> <i>Um, dois, três alegria</i> ⁹
Dias Gomes (1922–1999)	<i>O Santo Inquérito</i> ¹⁰
Fernando Mello (1945)	<i>Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá</i> ¹¹

⁴ Cf. *Edição e Crítica Filológica de Pau e Osso S/A do Amador Amadeu: o teatro amador em cena*, por Carla Ceci Rocha Fagundes (2014), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25528>.

⁵ Cf. *Edição de texto e estudo da linguagem proibida em Malandragem made in Bahia, de Antônio Cerqueira*, por Williane Silva Corôa (2012), disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10829>.

⁶ Cf. *Da trama do arquivo à trama detetivesca de Irani ou As interrogações, de Ariovaldo Matos: leitura filológica do arquivo e edição do texto*, disponível em: <http://www.ppglitcult.letas.ufba.br/>, e *Filologia e Arquivística em tempos digitais: O arquivo hipertextual e as edições de A Escolha Ou O Desembestado de Ariovaldo Matos*, por Mabel Meira Mota (2012; 2017).

⁷ Cf. *Bemvindo Sequeira e a cena política nas tramas de Me segura que eu vou dar um voto: edição e crítica filológica do texto teatral*, por Hugo Leonardo Pires Correia (2014), disponível em: <http://www.ppglitcult.letas.ufba.br/>.

⁸ Cf. *Os manuscritos de Cândido ou O Otimismo – o herói de todo caráter, uma adaptação de Cleise Mendes: leituras do processo de criação e proposta de edição genética*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8476>, e *O manuscrito autógrafa e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*, disponível em <http://www.ppglitcult.letas.ufba.br/pt-br/node/411> por Eduardo Silva Dantas de Matos (2011; 2014). Para este texto, dispomos apenas da edição fac-similar.

⁹ Cf. *Deolindo Checcucci e o teatro infantil baiano no contexto da ditadura militar: arquivo, edição e estudo crítico-filológico*, por Carla Ceci Rocha Fagundes (2019).

¹⁰ Cf. Trabalho de Conclusão de Curso de intitulado *Leitura crítico-filológica das intervenções no testemunho de 1968 de O Santo Inquérito de Dias Gomes* por Lílham Cardoso de Souza Silva (2020).

¹¹ Cf. *Nas tramas de Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá: crítica filológica e estudos de sexualidades*, por Arivaldo Sacramento de Souza (2014), disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27656>.

Francisco Ribeiro Neto (Chico Ribeiro)	<i>“Em Tempo” no palco</i> ¹²
João Augusto (1928–1979)	<i>A Chegada de Lampião no inferno</i> <i>Antônio, meu santo</i> <i>As bagaceiras do amor</i> <i>Felismina Engole-Brasa</i> <i>O exemplo edificante de Maria Nocaute ou Os valores do homem primitivo</i> <i>O marido que passou o cadeado na boca da mulher</i> <i>Quem não morre num vê Deus</i> ¹³ <i>História da Paixão do Senhor</i> ¹⁴ <i>Quincas Berro d'Água</i> ¹⁵ <i>História da Paixão do Senhor</i> ¹⁶
Jurema Penna (1927–2001)	<i>Auto da barca do rio das lágrimas de Irati</i> <i>Bahia livre exportação</i> <i>Iemanjá – rainha de Aiocá</i> <i>Negro amor de rendas brancas</i> <i>O bonequeiro Vitalino ou Nada é impossível aos olhos de Deus e das crianças</i> ¹⁷

¹² Cf. *Em Tempo no palco, de Chico Ribeiro Neto: edição e estudo do vocabulário político-social*, por Isabela Santos de Almeida (2007). TCC apresentado à UNEB; Cf. também *Dramaturgia de Chico Ribeiro Neto: cenas filológicas de “Em tempo” no palco*, por Emille Morgana Santos Mattos (2023), disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/38209/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Emille%20Mattos.pdf>.

¹³ Cf. *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10824>, e *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*, disponível em: <http://www.pgglitcult.letras.ufba.br/en/node/416>, por Ludmila Antunes de Jesus (2008; 2014).

¹⁴ Texto estudado por Dâmaris Carneiro dos Santos na dissertação intitulada *História da Paixão do Senhor de João Augusto: estudo crítico-filológico e genético*, apresentada ao PPGLitCult em 2020. Para este texto, dispomos apenas da edição fac-similar.

¹⁵ Cf. livro publicado pela UNAM (<https://www.iifilologicas.unam.mx/index.php?page=novedad®=1418>), como produto do Pós-Doutorado por Rosa Borges (2023), *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro D'Água, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial* (Propuesta metodológica para la edición de textos teatrales).

¹⁶ Texto estudado por Dâmaris Carneiro dos Santos na dissertação intitulada *História da Paixão do Senhor de João Augusto: estudo crítico-filológico e genético*, apresentada ao PPGLitCult em 2020. Para este texto, dispomos apenas da edição fac-similar.

¹⁷ Cf. *Três fios do bordado de Jurema Penna: leituras filológicas de uma dramaturgia baiana*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8395>, e *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>, por Isabela Santos de Almeida (2011; 2014).

Nivalda Costa (1952-2016)	<i>Anatomia das feras</i> <i>Aprender a nadar</i> <i>Casa de cães amestrados</i> <i>Ciropédia ou A iniciação do príncipe, O pequeno príncipe</i> <i>Glub! Estória de um espanto</i> <i>Vegetal vigiado</i> ¹⁸
Ricardo Liper	<i>O adorável cogumelo da bomba atômica</i> ¹⁹
Roberto Athayde (1949)	<i>Apareceu a Margarida</i> <i>Os Desinibidos</i> ²⁰
Yumara Rodrigues	<i>Uma alegre canção feita de azul</i> ²¹

Fonte: elaborado a partir de Borges (2019; 2021b, p. 458-460, 2023b).

Estão sendo estudados outros textos, neste momento, pelas pesquisadoras Isabela Almeida, atual coordenadora do GEET, Fabiana Prudente e Débora de Souza. Destacamos aqui textos em estudo por essa última professora ou sob sua orientação, na graduação e na pós-graduação:

Quadro 2: Relação de dramaturgo(a)s e textos em estudo.

DRAMATURGO(A)S	TEXTOS EM ESTUDO
Nivalda Costa (1952-2016)	<i>Suíte: o quilombola</i> <i>Passagem para o encanto</i> ²² <i>Îlèkùn Mérin (Casa das quatro portas)</i> ²³
Lúcia Maria Dias dos Santos / Lúcia Di Sanctis	<i>A formiguinha professora</i> <i>A oncinha peteleca</i>

¹⁸ Cf. *Aprender a nada-r e Anatomia das feras*, de Nivalda Costa: *processo de construção dos textos e edição*, disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>, e *Série de Estudos Cênicos sobre poder e espaço*, de Nivalda Costa: *arquivo hipertextual, edição e estudo crítico-filológico*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>, por Débora de Souza (2012; 2019).

¹⁹ Cf. *O adorável cogumelo da bomba atômica: uma edição interpretativa*, por Sebastião Silva Júnior (2017).

²⁰ Cf. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de Apareceu a Margarida de Roberto Athayde*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27767>, e *Filologia e Humanidades Digitais no estudo da dramaturgia censurada de Roberto Athayde: acervo e edição de Os Desinibidos*, disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29614>, por Fabiana Prudente Correia (2013; 2018).

²¹ Cf. *Da cortina que é aberta: edição e crítica filológica de Uma alegre canção feita de azul de Yumara Rodrigues*, por Isabela Araújo Calmon (2019), disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31665/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Isabela%20Calmon.pdf>.

²² Os dois primeiros textos pertencem à *Série de estudos sobre etnoteatro negro brasileiro* elaborada por Nivalda Costa nas décadas de 1980 e 1990 (Souza, 2023).

²³ Texto teatral publicado no livro *Da cor da noite: poemas dramáticos*, de Nivalda Costa e Jaime Sodré, publicado em 1983, parte da “Série Arte/Literatura” (Souza, 2020).

(1946–2013)	<i>No mundo mágico dos números</i> <i>O peixinho que não sabia nadar</i> <i>O ratinho astronauta</i> <i>O ursinho e a máquina do tempo</i> ²⁴ <i>As aventuras da Mônica</i> <i>O gato de botas</i> <i>O pequeno polegar</i> <i>O pequeno polegar e a bota de sete léguas</i> <i>Pinóquio</i> ²⁵
Gilson José Santana / Gil Santana (1963)	<i>O peixinho Xexéu e a caixinha do céu / O peixinho Xexéu e a gatinha Fifi</i> ²⁶

Fonte: elaborado pelas autoras.

4. Considerações finais

A trajetória de busca, crítica e edição de textos da dramaturgia baiana submetidos à censura durante a ditadura militar revela um campo de pesquisa que é, ao mesmo tempo, filológico, historiográfico, artístico e político. O enfrentamento da censura, longe de ser apenas um capítulo isolado da história do teatro brasileiro, evidencia-se como uma chave interpretativa fundamental para compreender as relações entre arte, poder e resistência em contextos autoritários.

Ao longo deste artigo, buscamos demonstrar como a crítica filológica, em diálogo com os estudos teatrais, os arquivos e a história cultural, pode lançar luz sobre obras silenciadas, deslocadas ou manipuladas por práticas censórias. A partir do trabalho que desenvolvemos ao longo desse período, desde 2006, fica evidente que a edição crítica de textos teatrais não é um exercício neutro de restauro textual, mas uma prática de atualização da memória e de reconstituição de trajetórias artísticas muitas vezes apagadas da história oficial.

O estudo das obras de autores, como João Augusto, Ildásio Tavares, Francisco Ribeiro Neto, Acyr Castro, Fernando Mello, Roberto Athayde, Jurema Penna, Nivalda Costa, Deolindo Checucci, Cleise Mendes, mos-

²⁴ Textos de autoria de Sanctis em estudo por Aline de Novais Brandão, mestranda do PPGLitCult – UFBA, período 2025–2027.

²⁵ Textos adaptados por Sanctis em estudo por Ana Luísa Cruz Brandão, bolsista UFBA do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), período 2025–2026.

²⁶ Texto em estudo por Ricardo Souza da Veiga Santana, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, no âmbito do Instituto de Letras da UFBA.

tra a pluralidade de formas, temas e estratégias com que esses artistas enfrentaram – e, em muitos casos, driblaram – os mecanismos de repressão. Suas peças, ao serem submetidas à censura, foram fragmentadas, distorcidas ou impedidas de circular. Contudo, os documentos que hoje compõem os acervos revelam uma dramaturgia viva, crítica e essencial para a compreensão do teatro baiano e brasileiro.

Em sua prática, o filólogo faz circular textos e obras em diferentes épocas, espaços (territórios) e materiais, enfrentando desafios epistemológicos, tecnológicos, sociais e políticos que se impõem a cada século, promovendo a transformação/atualização da prática filológica editorial acerca das teorias e dos métodos da edição de textos, especialmente no diálogo, hoje, entre filologia e humanidades digitais. A opção por um tipo editorial envolve conhecimento das singularidades que caracterizam a tradição textual em seus processos de produção e transmissão, incluindo também a recepção dos textos que editamos (Borges, 2023b).

Para tanto, diante das nuances e complexidades de cada tradição, o filólogo-editor vê-se comprometido com uma ética de leitura para tornar disponíveis textos de variadas épocas e espaços, através da prática editorial, assumindo diferentes papéis/funções no exercício dos afazeres filológicos. Cada tipo de edição, conforme as vertentes editoriais, platônica (teleológica) e/ou pragmática (sociológica), traçam metodologias que determinam as ações do filólogo-editor em relação ao(s) texto(s) que se pretende publicar (Cf. Borges, 2020b, p. 790; 2021a, p. 19; 2023b).

Dispor desses textos ao público contemporâneo, seja por meio de edições impressas ou digitais, constitui um gesto de resistência contra o esquecimento e contra a continuidade de lógicas autoritárias que ainda rondam o campo cultural. A edição e crítica filológica de textos, neste contexto, reafirmam sua relevância como prática de responsabilidade histórica e social por meio das quais participamos de processos de construção de narrativas, de produção de conhecimento histórico, de ativação/atualização de memórias, de revisão da historiografia literária/dramatúrgica brasileira. Nosso propósito é alcançar a públicos diversos com o trabalho que realizamos, de forma comprometida e ética.

Por fim, reafirmamos a importância de manter viva nossa pesquisa, ampliando os acervos estudados, aprofundando a reflexão sobre teorias e metodologias editoriais, promovendo o acesso público a esses materiais. O teatro censurado da Bahia não apenas nos informa sobre o passado, mas também nos interpela no presente, convocando-nos a pensar, continua-

mente, sobre os sentidos da arte e literatura produzidas em tempos de repressão e liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. Organização e tradução de Adalberto Muller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.

BORGES, Rosa. Diálogos entre Filologia e Arquivística: acervos de dramaturgos baianos. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 23., 2019, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 23, n. 3. p. 180-95, 2019. Disponível em: www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/cnlf/tomo01/14.pdf. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. Experiências e descentramentos epistemológicos na prática filológica. In: SOUZA, Risonete B. et al. *Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020a, p. 15-47. Disponível em: https://1f11a6e7-5dbd-49ca-a343-4afae8a65778.filesusr.com/ugd/33823c_484db24267204deab916bd4bd15eedf0.pdf.

_____. Uma metodologia para a edição de textos do século XX. *Revista Philologus*, v. 26, n. 76, p. 787-805, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2020b. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xii_sinefil/completos/uma_metodologia_ROSA.pdf. Acesso em: 27 out. 2020.

_____. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. In: BORGES, R. et al. *Edição do texto teatral na contemporaneidade: metodologias e críticas*. Salvador: Memória e Arte, 2021a. p. 13-49. Disponível em: <https://www.memoriaarte.com.br/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

_____. Literatura e Teatro mediados pela filologia editorial. *A Cor das Letras*, 22(1), p. 452-72, 2021b. <https://doi.org/10.13102/cl.v22i1.7319>. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/7319>. Acesso em: 26 jul. 2021.

_____. Arquivos e memórias de escritores e dramaturgos baianos: edição, crítica filológica, genética e sociológica. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 194-214, jan./abr. 2022a. DOI: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446rb>.

_____. Crítica filológica e materialidade textual na dramaturgia de Ildá-
sio Tavares. *Cadernos do CNLF*, v. 25, n. 3, p. 291-308, Rio de Janeiro:
CiFEFiL, 2022b.

_____. *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro d'Água, adaptación
de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la prác-
tica editorial*. Ciudad de México: UNAM, Instituto de Investigaciones
Filológicas, 2023a.

_____. O trabalho filológico na edição de textos literários e dramáturgi-
cos: compromisso e ética de leitura. In: SOUZA, A.S.; MAGALHÃES,
L.B.S.; MOTA, M.M. (Orgs). *Por uma ética nos estudos filológicos: críti-
cas, corpora, edições*. Salvador: Segundo Selo, 2023b. p. 40-59.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Os poderes da filologia: dinâmicas de co-
nhecimento textual*. Trad. de Greicy Pinto Bellin e Cláudia Regina Ca-
margo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021[2003].

MENDES, Cleise. *Diversidade no palco: dramaturgia contemporânea
baiana*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SOUZA, Débora de. Acervos Lúcia Di Sanctis e Nivalda Costa: uma pro-
posta de estudo crítico-filológico de Teatros Negros na Bahia. In: SOU-
ZA, A.S.; MAGALHÃES, L.B.S.; MOTA, M.M. (Orgs). *Por uma ética
nos estudos filológicos: críticas, corpora, edições*. Salvador: Segundo Se-
lo, 2023. p. 399-421

SOUZA, Débora de. Edição e Estudo filológico de textos a partir do
Acervo Nivalda Costa. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76. Rio de Janeiro:
CiFEFiL, jan./abr. 2020. Disponível em: [https://revistaphilologus.org.br/
index.php/rph/article/view/485](https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/485). Acesso em: 01 set. 2025.